

António Ramos Rosa ou a energia cósmica da palavra

Maria Raquel de Andrade
(Professora na Universidade Lusófona)

*«Mas o corpo quer dilatar-se porque quer o mundo
e a sua energia tem a violência de um vulcão»¹*

Se há poetas em cuja poesia a pulsação cósmica se faz sentir e para quem a escrita é a única possibilidade de fuga, «num mundo ameaçado de esmagamento, de emparedamento e de asfixia»², António Ramos Rosa sobressai, como sinal de primeira grandeza. A verdade é que, nesta poética, e à medida que possibilita a realização e a construção do «eu», no recolhimento e na abertura, a palavra transporta consigo a vibração que quase se ouve, a densidade que quase pesa, a plenitude que quase nos envolve e integra.

Com efeito, António Ramos Rosa faz parte de uma família de poetas para quem a palavra é respiração, por isso, movimento e repouso, ritmo e quietude, que nos toca, e contagia, e nos impele à apreensão do ritmo original do mundo e à sua respiração essencial. A palavra é sistole e diástole, contracção e distensão, o movimento ritmado do coração do mundo. Dir-se-ia que é na palavra e por ela que o homem realiza a possibilidade de integração e harmonia cósmicas, ao mesmo tempo que, numa atitude de recolhimento aberto, o «eu» se retira para dentro de si, para se dispersar no cosmos, se «autocentra», para se «descentrar», empregando a expressão feliz de Teilhard de Chardin que António Ramos Rosa também traduziu.

¹ A. Ramos Rosa, *As Palavras*, Porto, Campo das Letras, 2001, p.33.

² A. Ramos Rosa, «Mais silêncio, mais sombra», in *Espacio/Espaço Escrito*, revista de literatura y de lenguas, nº 23 y 24, Badajoz, 2004.

Compreende-se assim o que escreve o Poeta num lindíssimo poema, também inédito: «No fundo das palavras é que nós somos/no fundo e no fulgor da sua evidência.» É, pois, no encontro harmónico consigo que o sujeito encontra o mundo, sendo a palavra o espaço em que se radicam e realizam a comparência e o encontro.

Afirma-o, também, num bellissimo poema da recente antologia *As Palavras*, onde os signos surgem revestidos desse «fulgor puro», ofertado, «em redonda doação»³, ao mesmo tempo que convida o leitor à abertura e à comunhão cósmica e a uma integração plena na ordem do mundo, através da escrita: «Aceita a sua dádiva gratuita/porque ele é preciosamente nulo/e tão essencial como o ar que se respira»⁴

Por isso, compreende-se essa atitude vigilante do poeta, atitude de espera e de silêncio, para que, sobre «a água da página» surja, «numa chuva de linhas», a unidade primeira, ou nela «incida/o peso de cada coisa/iluminada». Ali comparece com efeito, «a substância concêntrica do longinquo», como o refere num poema de *Facilidad del aire*,⁵ antologia traduzida em castelhano e prefaciado por Clara Janés, em que «os animais e as palavras»⁶, em absoluta paridade, transportam para a página branca uma energia ontológica, vital, libertadora, que se identifica com a da próprio «eu» reconciliado consigo e com o universo, e que é, essencialmente, a totalidade feita de contrários, a garantir o equilíbrio fundamental, ontológico que reside no coração do mundo.

Assinale-se, ainda, o sentimento de mística alegria, que se consuma na fusão libertadora do encontro. Atente-se, a propósito, no poema «A fusão libertadora» que refere a «serena alegria» do sujeito, «oiro incandescente», perante o surgir desse corpo luminoso que é o próprio ser: «Todos os astros numa só constelação, / tanta melodia e ritmo e graça / nas palavras, nos corpos e nas ondas / e todas as flores em fruto / e todo o corpo no seu livre dinamismo.»⁷ Sem dúvida que, para António Ramos Rosa, «pela palavra, o homem alarga os seus limites incessantemente», descentrando-se para se conhecer; «autocentrando-se», para conhecer o mundo. E, na senda de Heidegger, defende que, se o homem ama as palavras, é porque ama o corpo uno e plural do ser, na sua nudez e no seu esplendor: «Amamos as palavras porque amamos o corpo / e dizemos que é um volume de argila de luz e sangue».⁸

Nesta poesia metapoética, de puro desejo ontológico, as palavras assumem

³ A. Ramos Rosa, poema «Mais que dizer», in *Facilidad del Aire*, Madrid, Ediciones del oriente y del mediterráneo, 1998, p.30

⁴ A. Ramos Rosa, *As Palavras*, Porto, Campo das Letras, 2001, p.32.

⁵ A. Ramos Rosa, *Facilidad del Aire* p.26.

⁶ *Ibidem*.

⁷ *Idem*, p.30.

⁸ António Ramos Rosa, *As Palavras*, ed.cit. p.142.

uma infinita diversidade de sinais e de sentidos, de funções e de formas e são, na sua versatilidade e abertura, a própria versatilidade e abertura cósmicas, manifestação ontológica da origem. No dizer do Poeta, a palavra é «o frémido da liberdade e do destino / e nos impele para a frente para nós sermos o mundo / ou a origem dele no nosso alento novo».⁹

Por isso, a palavra é «desmesura» e «nada», como o assinala o sujeito num outro poema de *As Palavras*: «Entre a serena desmesura e a fascinação do nada / a palavra abandona-se à pulsação da origem/e abre um caminho de ubiquidade legível / para acolher a ressonância que a anima»¹⁰.

Na verdade, umas vezes, são «palavras que ardem como vísceras verdes / ou vitrais perfeitos»¹¹, plenas da energia cósmica que transportam do núcleo; outras vezes, «navegam à flor do dia e fundam a transparência.»¹² Outras, ainda, surgem como «uvas incendiadas pelo álcool», ou são «a massa da noite»¹³ ou, então, «subtis constelações», «puro começo»¹⁴, ou ainda, «nascentes de pedra / e a tímida tranquilidade de uma redonda plenitude»¹⁵. São, finalmente, corpos «adoráveis, no seu sensual candor/e tão longínquos que parecem divindades»¹⁶, capazes de inundar de intrínseca felicidade o coração de quem as procura, na espera e no silêncio.

É por isso que a atenção do poeta é extrema, aberta e flexível, receptiva e universal, feita de despojamento e de abandono, sabendo, contudo, que o silêncio pode, também, dizer o que a palavra exprime: «Nada exige que eu diga / o que vejo e respiro / e me inunda/mas sinto a espera de tudo/numa sintonia branca/para que sobre a página / incida / o peso de cada coisa / iluminada».

Como quer que seja, nesta poesia de encantamento místico, de puro misticismo sensual, a libertação é possível, segundo o poeta, e sempre pela palavra, portadora de uma energia motriz, dinamizadora, cósmica: talvez a libertação tão desejada «seja mais simples, mais elementar, mais nua. Nós não sabemos mas, na nossa ignorância, sentimos o apelo urgente de um começo, que é o núcleo do silêncio e da palavra».¹⁷

⁹ *Ibidem*, p. 156.

¹⁰ *Ibidem*, p.180.

¹¹ A. Ramos Rosa, *Facilidad del Aire*, ed. cit. p.106.

¹² *Ibidem*, p.102.

¹³ *Ibidem*, p.104.

¹⁴ *Ibidem*, p.98.

¹⁵ *Ibidem*, p.94.

¹⁶ *Ibidem*, p. 114.

¹⁷ A. Ramos Rosa, «Mais silêncio, mais sombra», in *Espacio/Espaço Escrito*, revistas de literatura y de lenguas, nº 23 y 24, Badajoz, 2004.

À minha volta vejo a plenitude pura da luz
sem peso
dar a cada coisa a evidência de ser

Tudo está por dizer à minha frente à minha volta.
Será necessário dizer?
Nada exige que eu diga
o que vejo e respiro
e me inunda
mas sinto a espera de tudo
numa sintonia branca
para que sobre a página
incida
o peso de cada coisa
iluminada

António Ramos Rosa
26 de Março de 2002